



No início do século passado (1900), as cidades estavam em crescimento, o desenvolvimento estava em "câmara lenta", pois produzia-se para o consumo de um pequeno 'aglomerado' de pessoas e isto era suficiente.

Após o estouro da era industrial e a produção cada vez maior da população e dos produtos manufaturados a sociedade iniciou uma procura e 'pesquisa' a passos lentos (sempre lentos), para tudo, que é fundamentalmente importante. As dores urbanas na época era produção de tecidos, um início dos carros, dentre outros, o plástico, acrílico, não tinham sido inventados, descobertos ou produzidos. Pouco era a poluição do ar, da água, ... quais seriam hoje em dia as dores de uma cidade?

O crescimento das cidades, a redução das áreas verdes e conseqüentemente redução de espaços abertos para lazer, diminutos lugares para contemplar o verde, o natural, os animais soltos, ... a vida moderna engoliu o natural em prol ao artificial.

Bairros com "superpopulação" onde a necessidade de auxílio a saúde, segurança, saneamento, serviço social (sociabilidade), completam os quatro esses. Assim as áreas desfavoráveis ficam

## As dores das cidades

mais complexas e ampliam-se, desenfreadamente.

A contaminação dos cursos d'água é o primeiro impasse que a urbanização faz e traz para o ambiente. Os cursos d'água sofrem com o despejo dos efluentes das cidades completamente sem tratamento dos esgotos e com isso leva à morte por agonia desse rio. Agonia, sim, pois é aos poucos, sem volta, começa a retirada do oxigênio e após a morte dos peixes, algas, e na sequência uma enorme quantidade de espuma encapa a beleza anterior desse traçado de água. Isso sem falar que a contaminação do lençol freático, aquele que não vemos e que é contaminado aos poucos, impossibilitando o uso dessa água para qualquer atividade humana.

Ares poluídos. Para qualquer ser vivo, é necessário: ter água própria para o consumo, ter uma alimentação adequada e equilibrada, mas nenhuma dessas duas será suficiente se não tiver um ar agradável disponível. Este ar deve obrigatoriamente, ter oxigênio suficiente para o ser vivo conseguir na inspiração e expiração, fazer as trocas gasosas fundamentais para a respiração. Se algo, nesse sistema de trocas gasosas, dá errado, adeus à vida, sem o oxigênio disponí-

vel no ambiente, não teremos vida como temos. Então, os ares poluídos do jeito que estão ficando, em breve, serão insuportáveis e impossíveis respirar, portanto, não teremos VIDA. Aliado a isto, um trânsito caótico que se instala em cidades que ficam entre 50 e 100 mil habitantes, não há estacionamento disponíveis nas ruas durante os dias úteis, o estresse de alguns motoristas chega a impressionar, a falta de educação, tanto na questão do motorista como na do pedestre, que acha a faixa de segurança, uma passarela de moda e caminha como se fosse a(o) dona(o), é só isso que importa, sem contar os mini engarrafamentos que ocorrem nas horas cruciais do almoço e final de tarde, impossível sair de casa nesses horários.

Talvez se pensarmos um pouco mais, temos mais dores, pois estes já nos mostram um panorama do que, e o que, devemos fazer para melhorar estes quadros, que já estão instaurados.

Existem leis... debates... audiências públicas... e... é, a cidade esta na enfermaria, pois as dores continuam.

**Claudio Rogério Trindade**

Associado da AIPAN - Professor da EFA  
e da Rede Pública Municipal/Jjuí - Membro do  
Círculo dos Escritores de Jjuí - Letra Fora da  
Gaveta (CEI - LFG) e Membro da Academia  
Internacional ... ALPAS 21 de Cruz Alta.